

Tecelãs de versos: alteridade e resistência na literatura de cordel de mulheres negras sergipanas

Rose Bonifacio* 

Renata Malta 

Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Brasil

*Correspondência: rose.bonifacio1995@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga as poéticas de insurgência na literatura de cordel contemporânea a partir das trajetórias das cordelistas sergipanas Izabel Nascimento e Daniela Bento. A pesquisa analisa como essas autoras negras ressignificam o gênero literário, transformando o verso em um território de alteridade e resistência política. A fundamentação teórica articula o pensamento feminista negro e a historiografia crítica do cordel, tensionando o cânone androcêntrico em favor de narrativas dissidentes de raça, gênero e territorialidade. Metodologicamente, o estudo ancora-se nos estudos de trajetória e história de vida, utilizando entrevistas em profundidade que revelam uma escrita orgânica – das autoras que iniciaram seus primeiros ensaios em retalhos de tecido e na escrita de cartas às produções que hoje ocupam e subvertem a ambiência digital. Os resultados demonstram que a autoria feminina negra no cordel opera como um ato de insubordinação literária, onde a memória ancestral e o sensível se fundem para confrontar o silenciamento histórico e reivindicar o protagonismo nos espaços de poder e de circulação do cordel. Ao articular o saber localizado e a performance poética, Izabel e Daniela reafirmam a literatura de cordel como uma prática de reexistência.

PALAVRAS-CHAVE:

Cordel
Autoria feminina negra
Mulheres cordelistas
Comunicação popular
Estudos de trajetória
Memória ancestral

SUBMETIDO: 29 de abril de 2026 | **ACEITO:** 11 de junho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Considerações Iniciais

O presente artigo propõe um retorno à historiografia do cordel brasileiro, sem a lupa do cânone eurocentrado e sob a perspectiva da crítica feminista que contribui para os estudos das trajetórias das poetisas no Brasil. Assim, investigamos o contexto político em que as cordelistas sergipanas Izabel Nascimento e Daniela Bento estão inseridas e o espaço ocupado pela mulher no cordel,

compreendendo as autoras como sujeitas da pesquisa.

Entendemos o cordel como um campo interdisciplinar (Santos, 2020) e ampliamos o diálogo para outros campos do conhecimento, como a comunicação social e os estudos de gênero e raça, ao investigar as trajetórias de mulheres cordelistas negras. A escolha pelas trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento se alicerça em compromissos políticos e epistêmicos, ao reconhecer a potência da autoria feminina negra que reconfigura os sentidos do fazer cordel. Evidenciamos, aqui, a convergência de suas trajetórias para o enfrentamento dos mecanismos de manutenção de um sistema que exclui mulheres dos espaços de poder.

Juntas, Izabel e Daniela constroem novos ambientes para autoria de mulheres no cordel: criam academias, articulam movimentos nacionais, como o *Cordel Sem Machismo* e a primeira Antologia de Cordel escrita exclusivamente por mulheres, dentre outros projetos e ações sociais que serão explorados ao longo deste artigo. Suas ações e produções transbordam o campo literário e operam como recursos de mobilização social, memória e afirmação de identidades.

Para a construção do estado da arte, observamos uma vasta produção de teses, dissertações e artigos científicos direcionados ao estudo do cordel como linguagem, autoria feminina e espaço de resistência (Lemaire, 2005; Melo, 2016; Dos Santos, 2020; Fonseca, 2020; Da Silveira, 2021; Félix, 2021). No entanto, chamamos a atenção a escassez de trabalhos no campo da comunicação social, de onde parte este estudo, especialmente quando se trata de autoria feminina e com bases interseccionais. Assim, ressaltamos a relevância da presente pesquisa que, ademais, apresenta como interesse compreender as dinâmicas do cordel na ambiência digital a partir das experiências das sujeitas de pesquisa.

Reconhecemos o cordel como um campo de disputas, instrumento de contestação e transformação social. Sua existência emerge de uma forma muito particular no nordeste brasileiro, que se difere do cordel europeu, adquirindo características estratégicas de tensionamentos e denúncias das camadas populares frente às desigualdades sociais de seu tempo. A pesquisadora Márcia Abreu (2011, p.74) evidencia esse caráter insurgente ao apontar que, nos primeiros anos do século XX, mais da metade dos folhetos impressos trazia “poemas de acontecido”, abordando temas como cangaceirismo, cobrança de

impostos, presença de fiscais, custo de vida, baixos salários, seca e exploração dos trabalhadores(as).

Na peleja da oralidade, Márcia Abreu (2011) aponta que o cordel circulava em feiras e praças públicas do nordeste, onde repentistas, cantadores e cantadoras improvisavam versos ritmados, acompanhados por instrumentos musicais. Para a autora, o movimento de transição da poética oral para a escrita foi, desde o início, para potencializar a sua distribuição e registro, e não para extinguir a marca da oralidade e das cantorias. Sobre esse processo, a pesquisadora Ria Lemaire (2005) demarca que

O ato de escrever ainda não era “compor escrevendo” para ser lido em silêncio dos tempos de hoje; é compor mentalmente e transcrever com um objetivo diferente: o texto escrito/impresso é o suporte de uma memorização ao serviço da tradição oral da comunidade, facilitando-lhe a sua transmissão pela voz, no palco, a um auditório, um público que escuta (Lemaire, 2005, p.31).

Esse processo de reinvenção sinalizava uma capacidade dinâmica do(a) poeta de cordel de ressignificar suportes e linguagens, mesmo diante das transformações tecnológicas. A permanência do cordel como veículo de comunicação popular revela a potência da cultura oral aliada à escrita em contextos de resistência política frente à erudição do campo da literatura e da comunicação social, neste último, em especial quando o cordel se mostra um recurso para preencher lacunas informacionais em comunidades marginalizadas, a qual a grande mídia não acessava ou não tinha a preocupação em acessar. Para Luiz Beltrão (1982), em um cenário de precariedade informacional, o cordel reafirma seu papel como mediador de conhecimento e formação crítica, preservando sua função social de educar, informar e criar espaços para as experiências e narrativas das classes subalternizadas.

Em entrevista concedida a este estudo, a cordelista Izabel Nascimento (2024) reflete:

Quando criou o Jornal Impresso, quando surgiu o rádio, quando surgiu a televisão, quando surgiu a internet, quando criaram os computadores e as redes sociais, as pessoas ficam praguejando o fim do Cordel. E o mais bonito desse processo inteiro é que o Cordel se transforma ao longo da história. Em um determinado momento, o Cordel vira filme, em outro, o Cordel vira novela, em outro, o Cordel é feito no ChatGPT. Ele segue a trajetória dele.

Para Izabel, além de ampliar a dimensão da denúncia, o cordel pensado em

diferentes suportes ganha outras relações, alarga as possibilidades de colaboração entre cordelistas e públicos em diferentes regiões do Brasil. Refletindo sobre o futuro do gênero, ela questiona: “Como a literatura de cordel vai acabar?” e logo responde: “A literatura de cordel só desaparecerá se silenciarmos as vozes e instituições que possibilitam sua perpetuação.” (Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a esta pesquisa).

Sob essa perspectiva, o fenômeno da expansão do suporte em que a obra se encontra não alteraria sua natureza poética, ainda que modifique a sua materialidade, o seu acesso, a forma de registrar e de fazer cordel. Aqui é importante enfatizar que em todos esses suportes, as mulheres cordelistas apresentam obras relevantes para a construção da literatura de cordel.

A historiografia feminista do cordel evidencia como as mulheres, com suas vozes diversas, resgatam temas e personagens que, por muito tempo, foram silenciados ou apagados da historiografia "oficial" do cordel, ampliando o campo de discussões para além do literário, como nos lembra Francisca Pereira dos Santos (2020), a abordagem de temas como ancestralidade, a organização de mulheres, o uso das tecnologias de informação e comunicação e as lutas antirracistas e antimachistas introduzem novos tensionamentos, que, sobretudo, reforçam a importância de investigar a trajetória das mulheres autoras no cordel a partir de uma compreensão situada e crítica. É nesse lugar que seguimos a escrita deste artigo, entendendo que as trajetórias de Izabel Nascimento e de Daniela Bento não apenas podem ser discutidas com essas bases, mas também as contróem.

As vozes que não serão silenciadas: a presença feminina no cordel

Reconhecemos que a escrita de mulheres cordelistas não é apenas produção cultural, mas também meio de comunicação potente e vivo, manutenção de memória, afirmação de subjetividades e enfrentamento dos silêncios históricos que marcaram a autoria feminina no Brasil. Como avós, mães, filhas e netas, compartilham suas trajetórias e experiências de geração em geração, como nos apresenta Margarida da Silveira Corsi (2021). Essas histórias contadas por mulheres foram, em algum momento, registradas e começaram a circular em forma

impressa. Os versos de Salete Maria¹, “Mulher também faz cordel”, narra esta inquietação ao tensionar a hegemonia masculina no cordel:

O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria [...]
A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maior al
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar
Nas cantigas de ninar
Na contação de história
Tava a negra a rezar
A velha e sua memória
Porém disso não passava
Nada ela registrava
Pra sua fama e glória.
(Salete Maria, 2005)

A contestação de Salete Maria é resultado de uma estrutura que molda e valoriza o saber eurocêntrico, masculinizado, branco e heterossexual (Ria Lemaire, 2005), que na contemporaneidade, vem sendo criticado a partir de uma perspectiva feminista e interseccional. Sob essas lentes, percebemos que, embora invisibilizadas pelo cânone, as mulheres sempre estiveram presentes na literatura de cordel, contribuindo para a construção e reinvenção desse cenário. Nesse sentido, Francisca Pereira dos Santos (2020) ajudou a construir, em suas próprias palavras, “as bases para uma nova historiografia do cordel”. Nessa obra, foram reunidas evidências documentais e provas secundárias que demonstram a participação feminina na criação do cordel desde suas origens, não somente a partir da assinatura dos folhetos.

Alguns anos antes, a pesquisadora Miriam Melo (2016), com a tese “Cordel de Saia”, também refletiu sobre como, sob as “máscaras de sua época”, as mulheres inicialmente enfrentaram o silenciamento e a exclusão como autoras na historiografia oficial do cordel, “fruto desse cenário social excludente que, não

1 Salete Maria é uma importante cordelista feminista brasileira, nascida em João Pessoa, na Paraíba, autora do primeiro cordel feminista intitulado “Mulher-consciência, nem violência e nem opressão”, publicado em 1994.

apenas no âmbito cultural popular, restringiu as mulheres a ocupações que as direcionavam para lugares marginais da sociedade"(p.34-35). Nesse processo de exclusão, Francisca Pereira dos Santos (2020) aponta a interseccionalidade entre a desigualdade de gênero e um pensamento elitista. A autora aponta que uma elite que se afirmava como crítica e intelectual empenhou-se em definir padrões e legitimar certas obras e autores (no masculino) do cordel brasileiro, enquanto muitos outros, incluindo as mulheres cordelistas, eram arbitrariamente ignorados(as). Esse discurso erudito visava legitimar determinadas normas ditas de excelência para as publicações e a construção de um cânone que se mostrou patriarcal.

Vanusa Mascarenhas Santos (2009), em seu estudo sobre as estratégias de (in)visibilidade feminina no cordel, reflete o quanto o imaginário das pessoas era moldado por bases patriarcais, julgando melhor os folhetos de autoria masculina. A autora documenta que "assinando como homem, ninguém poderia descobrir que aquela mulher, mãe de família, pudesse escrever e publicar seus versos para serem vendidos nas grandes feiras daquele período" (p.162).

A autora apresenta dados sobre o apagamento da autoria feminina no cenário do cordel nacional retirados da própria Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Na época (2009), dos 27 poetas apresentados, todos eram homens. Entendemos que houve um avanço pouco significativo quando observamos que ainda hoje (2026), ao visitar o site da instituição, vemos que, das 40 cadeiras, 34 são ocupadas por homens e apenas 6 por mulheres, evidenciando a persistência de assimetrias de gênero no campo literário do cordel.

Em 2020, Izabel Nascimento, cuja trajetória é central para este estudo, durante o evento virtual "III Encontro de Cordelistas da Paraíba", cobrou dos escritores do gênero que abandonassem o tom muitas vezes machista, racista e homofóbico. Izabel enfatizou: "A vida está nos pedindo isso, uma transformação social no cordel a passos largos". E complementou, "se formos falar do cordel feminino, os cordelistas ficam achando que queremos tocar fogo nos livros deles. Se formos falar em literatura feminista, acham que queremos tocar fogo neles" (Nascimento apud Escóssia, 2020).

A fala de Izabel gerou uma evidente "inquietação" entre os homens que acompanhavam o evento, resultando em comentários e tentativas de silenciamento, tanto durante o evento, quanto nas redes sociais, onde a cordelista tem um trabalho

ativo até hoje. Izabel foi alvo de ataques e acusações de fomentar desavenças no meio. Para desqualificá-la, alguns poetas passaram a questionar suas produções e até mesmo sua vida pessoal. Em resposta, um forte movimento nas redes sociais foi organizado, ganhou alcance nacional e apoiadoras como Maria da Penha, que se mobilizaram em sua defesa e contra o machismo.



Figura. Apoio de Ana Santana e Maria da Penha a Izabel Nascimento.
Fonte: Instagram @izabel.cordel.

As redes sociais têm sido um lugar de organização e resistência ao silenciamento para mulheres como Izabel e Daniela, como debateremos mais adiante. Passados mais de oitenta anos desde que Maria das Neves² assinou, através de pseudônimo, o primeiro cordel de autoria feminina, ainda observamos cordelistas lutando por reconhecimento. Nesse contexto de enfrentamento, a autoria feminina passa a ocupar novos espaços, assume protagonismo e se reafirma como resistência política, social e artística, extrapolando o universo literário do cordel e propondo uma escrita da própria história.

No cordel "Luta e Arte: o meu traço é a poesia", que integra a antologia *Das Neves às Nuvens*, Daniela Bento escreve sobre esse movimento de reivindicação através da autoria de mulheres no cordel:

[...]
A mulher tem desafio
Em tudo que é lugar.
Toda vez que nós ousamos
Algum lugar ocupar,
Sempre que damos um passo,
Alguém vem logo julgar.
Na medicina, direito....
E, com pesar, no cordel,
A mulher também é vítima
De um machismo cruel.

² Maria das Neves Batista Pimentel é reconhecida como a primeira mulher a publicar cordel no Brasil. No entanto, em 1938, precisou recorrer ao pseudônimo masculino 'Altino Alagoano', evidenciando que, naquele contexto, a autoria feminina ainda precisava ser ocultada para circular no campo do cordel.

No registro da história,
Onde está a menestrel?
Para quebrar essa sina,
Vamos pondo no papel
Nossa vida, nossa história...
Romper silêncio cruel,
Para que o mundo saiba
Das mulheres do cordel.

Sobre romper silêncios, Conceição Evaristo (2017) destaca a importância da insubordinação na escrita de mulheres que, como Daniela Bento e Izabel Nascimento, ousam narrar suas experiências a partir de seus próprios termos. Essa insubordinação não é apenas uma atitude de enfrentamento, mas um gesto de autonomia epistemológica: ao escreverem suas vidas, essas mulheres subvertem a lógica que historicamente as posiciona como objeto de discursos e se afirmam como sujeitas da narrativa, autoras de si e do mundo que as cerca. Evaristo (2017, p.85) afirma que “o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. [...] Em se tratando de um ato empreendido por mulheres, [...] escrever adquire um sentido de insubordinação.”

Em um movimento coletivo, Izabel conta em entrevista a esta pesquisa como o ato de insubordinação de produzir e lançar a primeira antologia de mulheres cordelistas em Sergipe gerou reações imediatas:

Depois daquele lançamento, alguns homens da própria academia queriam que nós fizéssemos uma publicação só de homens, observando que nós, nós mulheres, teríamos que organizar uma publicação, ou seja, teríamos que trabalhar a serviço de uma publicação feita só de homens, porque eles estavam incomodados com o que nós estávamos fazendo, uma publicação só de mulheres. [...] Não somos mais as mesmas mulheres, somos partes de cada uma, compartilhada e revigorada na energia de todas. [...] (Nascimento, 2024).

O depoimento de Izabel Nascimento nos provoca a uma reflexão sobre o lugar ocupado pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, nos bastidores da criação, como suporte invisível do protagonismo masculino. O incômodo causado pela publicação da I Antologia das Mulheres no Cordel Sergipano não se limitou ao teor da obra, mas foi uma reação direta ao deslocamento de poder: pela primeira vez naquele espaço, o holofote estava sobre elas, escritoras, organizadoras, criadoras das próprias narrativas. Seu depoimento também materializa a vontade de uma criação coletiva, onde a obra não é centrada na autoria. Ao inserir múltiplos corpos femininos na produção do cordel, Izabel

propõe uma transformação: um cordel insurgente, onde escrever passa a ser também um ato de convocar outras mulheres para dentro da história.

Caminhos teórico-metodológicos a partir de um ponto de vista situado

Metodologicamente, a pesquisa se ancora nos estudos de trajetória e história de vida propostos por Howard S. Becker (1994) e Maria Luiza Nogueira (2017), priorizando a escuta atenta dos processos de subjetivação e ressignificação a partir de experiências individuais. Compreendemos que trajetórias como as de Izabel Nascimento e Daniela Bento constroem sentidos coletivos e revelam disputas simbólicas no campo social e cultural. Como referencial teórico-metodológico, adotamos a Teoria do Ponto de Vista, de Patricia Hill Collins (2019), articulada ao pensamento feminista negro.

Ao adotarmos essa abordagem para explorar as trajetórias de duas mulheres negras protagonistas no fazer cordel em Sergipe, a partir de suas próprias narrativas, deparamo-nos com um território vasto de possibilidades, historicamente marginalizado e silenciado pelas estruturas hegemônicas da sociedade em que vivemos. No entanto, é justamente nesse espaço de autodefinição, como aponta Patrícia Hill Collins (2019), que reside um poderoso instrumento metodológico de resistência.

Assim, este estudo reconhece e legitima epistemologias que historicamente são subalternizadas por um sistema que hierarquiza saberes. Para Patrícia Hill Collins, a luta das mulheres negras para que tivessem suas vozes ouvidas resultou na construção de um "ponto de vista autodefinido e coletivo sobre a feminilidade negra", oferecendo uma resposta crítica às estruturas dominantes. Essa perspectiva não apenas desafia as narrativas hegemônicas, mas também abre outros caminhos para estratégias de visibilidade para grupos historicamente marginalizados, como é o caso das cordelistas negras do nordeste brasileiro.

Consonante com a autodefinição como modo de resistência, Lélia Gonzalez (2020) afirma que a violência do racismo e suas práticas tornaram o epistemicídio uma forma de manutenção da produção hegemônica do conhecimento. A autora afirma que, se por um lado o esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pelo etnocídio aponta para uma perda de identidade própria, por outro, está posta uma história de resistência, de

autodefinição e de criatividade na luta contra a escravização e contra o racismo, movimento que também se apresenta como metodológico.

Com essas bases, nos desafiamos a olhar centralmente para a trajetória das sujeitas, que falam “por si”, abrindo possibilidades para percursos que escapam aos caminhos previamente estabelecidos pelas metodologias científicas clássicas. Optamos pela entrevista em profundidade como técnica e, em diálogo com Ailton Krenak (2020), orientamos sua condução fundamentada em um modo de escuta – a ‘cosmoaudição’ – que se afasta de matrizes eurocentradas e possibilita acessar outras realidades sem a pretensão de traduzi-las segundo nossos próprios referenciais. Buscando evitar o uso de categorias pré-definidas, o roteiro de entrevistas foi elaborado com base em dimensões, favorecendo leituras interseccionais e não monocategóricas. Esse tipo de entrevista se caracteriza por sua dinamicidade, flexibilidade e criatividade, permitindo que as interlocutoras, incluindo as pesquisadoras, construam, de forma coletiva, uma versão do fenômeno analisado (Mondada, 1997).

Sobre os aspectos procedimentais, os roteiros de entrevista direcionados às cordelistas Izabel Nascimento e Daniela Bento apresentaram uma estrutura metodologicamente delineada, composta por uma introdução e três dimensões temáticas distintas, ainda que relacionais. Embora compartilhem uma organização semelhante, as entrevistas apresentam diferenças que evidenciam especificidades na trajetória das autoras.

Nesse percurso, foram reunidos e analisados folhetos publicados, entrevistas concedidas a diversos meios de comunicação, registros de participação em eventos culturais e acadêmicos, bem como o acompanhamento da presença e atuação nas redes sociais das cordelistas. O lapso temporal considerado tem início com as primeiras produções em cordel das autoras: Izabel Nascimento, com a escrita de seu primeiro cordel, intitulado *Um Falso Amor*, publicado em 2004, e Daniela Bento, a partir de 2009, quando começou a compor pequenos versos como forma de dialogar com agricultoras(es). Cabe destacar que, no caso de Daniela, esses primeiros textos não foram preservados, uma vez que, conforme relatado em entrevista, a autora não tinha, à época, interesse em publicação formal. Sua criação estava voltada exclusivamente a facilitar o diálogo com a comunidade rural por meio de pequenas estrofes de cordel, o que depois

ganhou outros sentidos.

Todo o *corpus* analisado previamente para a composição dos roteiros de entrevista foi sistematizado em quadros, organizados em cinco categorias: tipo de produção, formato, local ou instituição de publicação e ano. No total, foram 23 aparições para Izabel Nascimento e 25 aparições para Daniela Bento. O quadro não será apresentado no corpo do artigo, considerando o limite de páginas imposto.

As entrevistas foram realizadas remotamente, via Google Meet, com câmera aberta, em junho de 2024, respeitando as limitações geográficas e os compromissos profissionais das participantes. O encontro com Daniela Bento teve duração de 2h07min, enquanto que com Izabel Nascimento a entrevista durou exatas 2h. Assim, ambas puderam desenvolver suas reflexões de forma densa, permitindo o aprofundamento dos eixos temáticos (dimensões) previamente definidos. Vale ressaltar que as cordelistas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a gravação e a identificação de suas falas em trabalhos acadêmicos, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa acadêmica.

A transcrição das entrevistas, na íntegra, foi realizada manualmente com o objetivo de garantir uma reaproximação profunda com o material obtido em campo. Mantendo a perspectiva interseccional, organizamos os resultados em quatro dimensões analíticas, as quais pretendem responder às perguntas que nortearam esta pesquisa: 1) De que maneira os processos de subjetivação e significação das trajetórias das sergipanas Izabel Nascimento e Daniela Bento contribuem para a construção de sentidos coletivos e políticos sobre a autoria feminina negra no cordel? 2) Como essas trajetórias, ao ultrapassarem os limites do campo literário, operam como dispositivos contra-hegemônicos de comunicação e denúncia, capazes de tensionar estruturas de poder?

Organizados em quatro eixos analíticos, apresentaremos a discussão dos aspectos considerados de maior relevância para este estudo, em um movimento que transcende a particularidade das experiências individuais para alcançar sentidos coletivos. Esta análise evita a pretensão de verdade histórica factual, privilegiando as interpretações das sujeitas. Assim, posicionamos tais vivências politicamente a partir de como as cordelistas se autodefinem e constroem as

narrativas de suas próprias trajetórias.

A Matriz Afetiva da Autoria de Mulheres Negras

Nascida em Aracaju, capital sergipana, filha dos poetas Ana Santana e Pedro Amaro, Izabel Nascimento conta que seu primeiro contato com os versos aconteceu antes de aprender a ler e a escrever, de forma muito natural dentro do convívio familiar e com outros repentistas e cordelistas que frequentavam sua casa. Aos 7 anos escreveu seus primeiros poemas em retalhos de tecidos descartados das costuras feitas pela mãe. Aos treze anos escreveu o primeiro folheto, “Um falso amor” (1993), que foi publicado uma década depois, em 2004.

Para Izabel (2024) a escrita e publicação do folheto não representou o início da sua identidade autoral, mas sim a materialização de uma vivência poética que já vinha sendo cultivada desde a primeira infância. Esse cordel marca o momento em que a autora assina sua primeira obra, registrando em palavras aquilo que já era vivido no corpo, na escuta e no cotidiano. Em entrevista, Izabel revisita esse período inaugural e narra um processo profundamente intuitivo, enraizado na musicalidade do repente e nas brincadeiras de infância que envolviam palavras, sons e versos: “Eu nasci num ambiente onde as pessoas falavam sobre poesia... Eu percebia o jogo dos sons, a colocação das rimas... entendia que ali existia uma dinâmica e que essa dinâmica era feita por todas aquelas pessoas” (Nascimento, 2024).

Izabel nos provoca a pensar sobre a força de trajetórias marcadas pela arte desde a infância, um ambiente onde se naturaliza o sentir que reverbera na expressão artística. Para ilustrar, a cordelista detalha uma cena que se repetia: “Minha mãe era costureira... eu ficava embaixo desse móvel brincando, dizendo que aquele móvel era meu escritório. E minha mãe fazia recortes de tecido e eu pegava esses recortes e escrevia” (Nascimento, 2024).

É significativo que sua produção poética não tenha se iniciado no papel, mas no pano, um suporte que por muito tempo esteve associado ao fazer feminino, à costura, ao cuidado e ao lar. Com o apoio materno, sua escrita nasceu como gesto de bordar palavras e costurar versos. O lar, nesse caso, se apresenta como solo fértil para o nascimento da sua poesia. O relato da cordelista possui forte relação com o texto de Iara Moura, Verônica Santana e

Olívia Bandeira (2024). Para as autoras, assim como para Izabel, o aproveitamento dos retalhos assume sentidos e significados que transcendem a utilidade prática e constitui memória, criatividade, partilha, e estratégia de comunicação. Assim, a cordelista evoca um gesto ancestral que entrelaça criação e memória.

Em um movimento disruptivo, Izabel Nascimento conta que nunca engessou sua poesia aos limites do folheto, ainda que reconheça seu valor como suporte de registro. Para ela, o cordel atravessa o pano, o papel e a tela, e se torna recurso para conectar pessoas e histórias. Em suas palavras, a escrita nunca esteve atrelada ao ato da publicação e transcende os formatos. “Eu acho que o escritor é quem escreve, sabe? O escritor não é quem publica. Publicar é outra coisa. Nem todo mundo que escreve tem a oportunidade de publicar.” (Nascimento, 2024). Esse posicionamento é potente e nos convida a tensionar as fronteiras entre autoria, visibilidade e reconhecimento. Ao afirmar que a escrita não está necessariamente atrelada ao ato da publicação, Izabel nos lembra que o fazer poético é, antes de tudo, um gesto de existência, um exercício de expressão subjetiva e coletiva que pode (ou não) se materializar em publicações, não sendo, assim, condição de autoria.

No sertão de Poço Redondo/SE, outra voz se inscreve no cordel: a da mulher preta, lésbica e cordelista Daniela Bento (como se autodefine). Nascida em Limoeiro do Norte (CE), numa comunidade ribeirinha e periférica onde a oralidade e os laços comunitários eram a principal forma de comunicação, Daniela se alfabetiza em casa, ainda muito pequena, pelas mãos da mãe, Francisca Noêmia Bento Alexandre, uma das poucas mulheres da sua região com o quarto ano do primário. Foi dona Francisca que, reconhecendo o domínio da filha sobre a linguagem escrita, a incumbiu de escrever cartas para outras mulheres da comunidade, prática que se tornou um marco inaugural na formação da cordelista.

Daniela passou a mediar afetos, notícias e esperanças por meio da sua primeira escrita. Não era apenas um serviço, mas um gesto de cuidado coletivo e de construção de vínculos entre mulheres separadas pelo processo migratório do(a) nordestino(a) ao sudeste do Brasil, em busca de “uma vida melhor”. Essa experiência, ainda na infância, entre palavras ditadas e emoções transcritas, revela

o embrião de uma poética comprometida com a escuta e com o fazer social.

Gloria Anzaldúa (2005, p.234) oferece uma chave interpretativa sensível ao afirmar que “não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos – chamo isto de escrita orgânica. Um poema funciona para mim [...] quando o assunto com o qual iniciei se metamorfoseia alquimicamente em outro”. Para Daniela, a escrita emergiu justamente dessa metamorfose alquímica narrada por Anzaldúa, como extensão da voz de outras mulheres, marcadas pelo analfabetismo, pela distância, pela exclusão histórica e pela desigualdade social. Daniela narra:

Eu digo que esse foi meu primeiro ensaio. Embora eu fosse criança, ouvi relatos de morte, de partos, de pedido de ajuda, de doença... e eu não podia dizer aquilo tal e qual. Era um desafio de criança tentar criar uma narrativa de carta. (Bento, 2024)

As histórias transcritas em cartas pela cordelista significou não só a construção de subjetividades que escapam ao modelo hegemônico, linear e eurocêntrico de produção de conhecimento, mas também possibilitou um senso de comunidade entre as mulheres daquela região. É nesse entrelaçamento entre escuta e uma escrita que já nasce com sentido, que a voz poética de Daniela começa a se afirmar.

Finalizamos esse eixo analítico entendendo que tanto Izabel quanto Daniela iniciam suas trajetórias autorais fora das estruturas formais da literatura, mas profundamente enraizadas em práticas comunitárias, familiares e afetivas. Ela é fruto de um movimento coletivo de cuidado e partilha, que atravessa gerações de mulheres negras (bell hooks, 2017). Mergulhar nos inícios de suas trajetórias é compreender que, para as cordelistas, a escrita nunca foi apenas forma ou técnica, mas sim um recurso de acolhimento mútuo e de invenção de mundos.

O cordel como expressão identitária e de denúncia

Partimos da ideia de identidade não como essência, mas como um processo relacional de negociações e renegociações, capaz de acolher contradições, fragmentações e atravessamentos (Hall, 2003). Ana Carolina Dias Santos do Vale (2023), em seu estudo “A poesia faz alguma coisa acontecer”, nos ajuda a pensar a identidade deslocada e em transformação, situada em um contexto de

mulheridade das poetisas negras. Para a autora, o fazer poesia atua como uma reconfiguração da formação identitária em oposição ao pensamento hegemônico androcêntrico e estruturalmente racista, significando toda a potência da autodefinição. Em suas palavras:

A poesia se torna, assim, uma ferramenta de radicalidade que, por meio da força que habita o poético, promove “rachaduras” estruturais na ideação da mulheridade das mulheres negras. [...] A poesia é a ferramenta de insubmissão que invade o campo social e político para movimentar estruturas, modificar padrões e, principalmente, transformar realidades (Vale, 2023, p.83).

Nesse contexto, a poesia de cordel, quando mobilizada pelo corpo e pela voz de Izabel Nascimento e Daniela Bento, se afirma como prática política de reconfiguração identitária que, embora parta de pontos de vista singulares, é profundamente coletiva. É nessa virada de chave, ao investigar identidades deslocadas e subversivas, que este tópico se desenvolve.

Nesse processo, Daniela Bento narra que começou a enfrentar conflitos internos relacionados à sexualidade e à falta de referência de outras mulheres negras na poesia.

Essa falta de referência, de você ter em quem se inspirar. Quando eu olho a outra escrita, escrita no verso branco, eu vou ter Clarice, eu vou ter Cecília, que estava na biblioteca da escola, as branquinhas do mundo. E, do outro lado, a gente só tinha Patativa do Assaré, e Patativa sempre foi assim, uma coisa muito avassaladora para a minha pessoa. (Bento, 2024)

Quando observamos os silenciamentos históricos impostos às mulheres negras que escrevem, vemos que a ausência de representatividade impacta não apenas o acesso à publicação e o reconhecimento de si em lugares de poder, mas a própria constituição subjetiva e criativa dessas autoras. Essas ausências são reflexo de uma dinâmica histórica de exclusão nas engrenagens da literatura brasileira. Segundo pesquisa coordenada pela professora Regina Dalcastagnè (2012) e posteriormente atualizado em grupo de pesquisa, entre 1965 e 2014, 70% das obras publicadas por grandes editoras no Brasil foram escritas por homens, dos quais 90% eram brancos. Nesse universo, mais da metade dos protagonistas também eram homens brancos e assumidamente heterossexuais, enquanto apenas 6,9% dos personagens eram negros. Esses dados não revelam apenas um padrão editorial, mas uma lógica de apagamento que naturaliza a inferiorização de determinados corpos como autoria e como personagem.

Num enfrentamento a essas engrenagens, Daniela abre uma comunicação direta com a comunidade, para quem os temas da agroecologia, da consciência negra e da violência doméstica precisavam ser traduzidos em linguagem mais acessível. Ao ser questionada sobre a formação de sua identidade enquanto cordelista, Daniela destaca a importância da presença de outras mulheres nesse percurso, sobretudo nos espaços majoritariamente ocupados por homens. Nas linhas do cordel “Luta e arte: o meu traço é a poesia”, a autora define esse momento de se reconhecer autora a partir de outras:

Comecei no verso livre,
Depois pro conto migrei.
Já fiz crônica e poema,
Alguns até publiquei.
Ganhei concurso de conto,
De verso também ganhei.
Porém já faz uma década,
Que estreei no cordel.
Inspirada em Elenilda
E também em Izabel,
Antes eu só escrevia
E guardava no papel.
(Daniela Bento, 2021)

O contato com outras poetisas possibilitou uma virada para a autora: uma escrita pública, revelada. Nesse percurso, a identidade como cordelista emerge como fruto de um processo coletivo de reconhecimento e pertencimento. Sueli Carneiro (1997, p.547) afirma que “a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro como pelo afastamento do outro”. Isso significa que, para que houvesse o despertar de Daniela enquanto autora, foi necessário primeiro o reconhecimento e a aproximação com aquelas com quem ela desejava se identificar e um afastamento da lente do opressor, que deslegitima sua escrita. A autoria se afirma como gesto político de posicionamento e se desloca de um lugar de apagamento para um lugar de protagonismo. Em entrevista, Daniela afirma: “o cordel é a minha espada e o meu escudo. Porque é onde eu confronto a sociedade, é onde eu tenho coragem de dizer o que eu quero dizer” (Bento, 2024).

O tom reivindicatório também se faz presente nos versos de Amores (Di)versos, obra que completa a trilogia composta por O Feminismo que Carrego e Coisa de Preto, lançada em 2021. Com foco em problemáticas de gênero,

raça e sexualidade, o livro traz à tona experiências marcadas por afetos e resistências, expressando o peso do silenciamento imposto pela heteronormatividade e pelo racismo que marca a sua própria vivência. Lélia Gonzalez (2020) afirma que a passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político na trajetória de mulheres negras. Consonante com a afirmação da autora, Daniela evidencia a potência política e a intencionalidade pedagógica de seus escritos: “É uma trilogia que ofereci para que as pessoas possam trabalhar esses temas de maneira leve dentro da sala de aula. [...] Todas as minhas obras são didáticas. [...] É como eu posso me posicionar, como eu posso agir” (Bento, 2024).

Daniela propõe um cordel que signifique processo formativo. Ele atravessa a poesia e articula afetividade e conscientização, criando pontes. Suas obras evidenciam uma recusa em conceber o cordel sem intencionalidade pedagógica. O fazer poético se torna, assim, um ato de resistência e de produção de saberes, fortalecendo coletivamente outras mulheres.

Nesses fluxos de resistência, Izabel Nascimento se apresenta como autora de um cordel que reescreve identidades silenciadas. A cordelista enfatiza em um momento da entrevista: “Esse mundo não é bom para uma mulher negra, ainda mais para uma mulher negra que escreve. Mas eu não nasci consciente disso. Eu fui entendendo o porquê das coisas, o porquê da falta de espaços”. Sua fala situa sua produção poética dentro de um movimento de enfrentamento contínuo às estruturas excludentes que atravessam gênero, raça e autoria e que definem sua identidade. Essa consciência de si, que não nasce pronta, mas é construída com o tempo, nas lutas cotidianas, configura a matéria-prima de sua escrita. Escrever cordel, no contexto demarcado pela cordelista, é ato político, é denúncia, mas também é gesto de reinvenção de si e do coletivo, numa perspectiva que se recusa à conformidade e propõe, em cada verso, novas possibilidades. Em sua obra “Relato de Verso e Voz” percebemos como a autora articula a descoberta do amor pelo cordel com o reconhecimento de si, de sua identidade e da estrutura social que tenta apagá-la:

[...]
Certo dia, abri um livro
Aos onze anos de idade
A leitura era um cordel

Demonstrei felicidade
Meu sorriso retratava
Naquela estrutura estava
Minha rica identidade
Eu segui pelos caminhos
das rimas sem sentir medo
Até que um dia, a história
Tirou da caixa um segredo
Mostrando o rosto imperfeito
Da sombra do preconceito
Torpe, vil, sujo e azedo.
[...]
A mão de machismo pesa
O seu disfarce é ruim
Carrega na estridência
O joio da incompetência
Ainda hoje é assim.
(Nascimento, 2021.)

Diante de contextos tão desafiadores, tanto no plano macro - marcado pelas violências estruturais enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil -, como no plano situado - que envolve as dinâmicas excludentes do universo do cordel -, essas autoras não apenas conquistaram e ocuparam espaços de poder, como também têm atuado ativamente no enfrentamento ao pensamento hegemônico que modela essas instituições. Por meio do cordel, disputam narrativas, onde a palavra atravessada pela experiência deixa de ser apenas verso para se tornar possibilidade de existência.

Da ausência à evidência: a mulher cordelista ocupa espaços de poder

Ao dar início à análise desta dimensão e lançar luz sobre o protagonismo de Izabel Nascimento e Daniela Bento no cordel, constatamos que esse espaço é invariavelmente território de disputa generificado. Nas palavras de Izabel, “quando a gente vê uma mulher no protagonismo, pode verificar que ela está sofrendo muitas críticas. Porque a gente não vive numa sociedade preparada para ver uma mulher protagonista.” (Nascimento, 2024). Sua fala direciona os holofotes para os mecanismos nem sempre tão sutis de controle e manutenção de poder da ordem patriarcal: a crítica, o julgamento moral e a tentativa de deslegitimação.

A experiência das cordelistas sujeitas desta pesquisa é continuamente atravessada por outros marcadores interseccionais a gênero, assim, não se trata apenas de um protagonismo feminino, mas de uma tomada de poder em

ininterruptas batalhas mobilizadas por mulheres negras sergipanas. No contexto brasileiro, Lélia Gonzalez (2020) denuncia a falácia da universalidade da categoria “mulher”, afirmando que as análises de gênero que ignoram as intersecções com raça e etnia reproduzem silenciamentos históricos.

Um dos episódios fundadores dessa caminhada de reivindicação de poder ocorreu em 2017, com a criação da Academia Sergipana de Cordel, a primeira do país a ser presidida por mulheres. Em entrevista, Daniela Bento revela o processo de tomada de consciência quanto ao papel político de sua presença: “Fui convidada diversas vezes, e nunca aceitei. Mas, Izabel disse: não, a gente é uma academia que não vai seguir esse rito, seremos uma academia popular. Me convenceu! Preciso estar aqui, eu preciso estar para fazer diferente” (Bento, 2024).

Patricia Hill Collins (2019) nos ajuda a compreender a complexidade desse gesto ao apontar que determinados espaços institucionais, como as Academias de Cordel, podem refletir a natureza dialética da opressão e do ativismo, ou seja, são, ao mesmo tempo, locais de controle e potenciais territórios de ruptura. Ao recusar o silêncio e o consenso forçado, Daniela dita o tom da sua entrada na Academia Sergipana do Cordel (ASC): “não vim ao mundo para agradar, entro no cordel escrevendo e desagradando muitos cordelistas” (Bento, 2024).

Ao longo da entrevista, Daniela reconhece o peso de se posicionar ao lado de Izabel Nascimento, uma mulher que, segundo suas palavras, “sempre está do lado contrário do rebanho”, e afirma:

Eu entro com a chancela de Izabel, que é uma figura que tem uma relevância muito grande para o cordel brasileiro. A Izabel é conhecida nacional e internacionalmente. Mas, por Izabel também sempre estar se posicionando do lado contrário do rebanho, então, automaticamente, eu já entro no cordel recebendo também sobre mim, o peso do enfrentamento de Izabel, porque eu sempre estou ao lado de Izabel, sempre me posicionei ao lado dela (Bento, 2024).

Nesse lugar de destaque, Izabel organiza a obra *Das Neves às Nuvens*, primeira antologia de mulheres no cordel, conforme apresentamos anteriormente, que também é rememorada como ato de enfrentamento às estruturas patriarcais que insistiam em silenciar e excluir as mulheres que estavam transformando o cenário do cordel sergipano. “As resistências, dentro da literatura de cordel, no meu entendimento, são declaradas mesmo. Sabe? Não é nada velado não, elas são abertas mesmo”, diz a cordelista em entrevista,

apontando que o cenário do cordel em Sergipe ainda é um campo de disputa hostil para uma mulher em posição de liderança.

Nos espaços de poder que ocupou durante sua trajetória, Izabel nos convida a compreender o cordel como um campo relacional e diverso, em que a autoria deixa de ser um ato solitário para se tornar um gesto de cuidado coletivo, de construção de vínculos e de reconfiguração dos papéis de gênero. Foi com esse entendimento que Izabel idealizou a criação da “Casa do Cordel”, em 2013, que abriga um acervo de folhetos de cordelistas e repentistas sergipanos. Mais do que um centro de memória, a Casa do Cordel se estabeleceu na cidade de Aracaju como ponto de encontro intergeracional de poetas e entusiastas da cultura popular. Em suas palavras: “quando a gente se une, a gente se fortalece. Quando isso acontece, aí o machismo recua, ele não acaba, ele recua. Porque ele vê que nós temos essa força, essa potência, essa possibilidade de denunciar. Dentro de um cordel e fora dele.” (Nascimento, 2024).

Se Izabel funda espaços institucionais e se projeta em ações de grande alcance, como a Casa Cordel e a presidência da ASC, Daniela atua com força nas comunidades rurais, nas escolas públicas, nas rodas de mulheres agricultoras, onde o cordel não é apenas literatura, mas pedagogia do cotidiano. As múltiplas camadas de exclusão que incidem sobre as mulheres da zona rural, que atravessam raça, gênero, territorialidade e modos de saber não hegemônicos, impõem obstáculos significativos ao acesso à equidade. Ainda assim, essas mulheres têm encontrado brechas no sistema a partir da organização coletiva. Em entrevista, a cordelista destaca que nada em sua trajetória é aleatório, sobretudo seu engajamento nas comunidades rurais. O cordel, para ela, é um recurso para falar o que precisa ser dito, e ser, de fato, compreendida.

A pesquisadora Maria Franco Garcia (2004) nos ajuda a compreender mais profundamente o papel atribuído à mulher do campo. Segundo ela, essas mulheres são frequentemente vistas apenas como “companheiras de luta” e de “lida”, valorizadas sobretudo por sua capacidade de trabalho e resistência física, o que limita suas identidades a uma função utilitária mesmo em contextos mais combativos, como o da luta agrária. Assim, ao buscar a conscientização política por meio da arte, Daniela promove formas sensíveis de organização popular coletiva e valorização de saberes com potência criativa.

Essa é uma luta que se mostra silenciosa, longe dos centros e dos espaços de legitimação, como relata Daniela em entrevista. Seu trabalho junto às comunidades rurais não lhe garante acesso e permanência em espaços de poder na ambiência do cordel. Enquanto suas obras e projetos sociais são reconhecidos por instituições de prestígio com convites da Biblioteca Epifânio Dória, Escola do Legislativo e coberturas de imprensa, ela se vê sistematicamente preterida nos eventos considerados "oficiais" ou legitimadores do cordel sergipano. Sua percepção aponta para a existência de uma hierarquia interna no campo, onde ainda operam mecanismos de exclusão que reproduzem preconceitos de raça, gênero, classe e território. Daniela nomeia essas ausências com coragem: *"quando esses espaços realmente são ligados ao cordel, que é quando eu digo onde estão os donos do cordel, aí não vão me chamar nunca para cá"*. A expressão "donos do cordel" é carregada de crítica e desestabiliza a ideia de um campo neutro no cordel sergipano. Está imbuída da denúncia de que as mulheres, especialmente as que se deslocaram do centro, seguem sendo deixadas à margem, fortalecidas apenas em espaços que constroem por si mesmas e por outras.

O cordel e a ambiência digital: tensões e aproximações

Ao visitarmos a historiografia do cordel no início deste artigo foi possível constatar que, ao longo dos anos, não se extinguiu a sua tradição oral, sua musicalidade, ritmo, métrica, função social, tampouco a potencialidade da(o) poeta. Nessa trajetória, as mulheres cordelistas já estavam presentes no mundo da poesia oral, como cantadoras, repentistas, declamando, performando e, mais tarde, assinando seus próprios folhetos, ainda que invisibilizadas por uma lógica epistêmica patriarcal, que privilegiava o que era impresso e publicado com autoria reconhecida, sobretudo, por homens.

Longe de representar uma ruptura com a tradição, este último eixo analítico apresenta como resultado a potência das mídias digitais como espaço de criação, circulação e resistência política, agora fortalecidas nas mãos das mulheres. É importante pontuar que não pretendemos para este artigo discutir de forma crítica as problemáticas que envolvem a comunicação digital, os dilemas impostos pelas redes sociais e, recentemente, pela inteligência artificial, os quais

envolvem a economia política da comunicação, a ética, as relações de poder, a desigualdade social, a autonomia e controle do conhecimento. Sabemos da importância e da profundidade que esse debate significa e entendemos que ele não cabe nesse espaço. De todo modo, ressaltamos que o reconhecimento da forma como as cordelistas se apropriam dos meios digitais não está livre de tensionamentos e que a romantização não se mostra um caminho possível.

Em entrevista, Izabel Nascimento e Daniela Bento demonstraram entusiasmo ao considerar a ambiência digital como favorável ao cordel como produto e como reivindicação política. Elas evidenciam o Movimento #cordelsemmachismo, anteriormente apresentado, que reuniu mais de mil mulheres online, em coletivos, através das redes sociais, posicionando-se ao lado de Izabel e contra a misoginia no cordel. Hoje o canal de Izabel no YouTube conta com mais de 4 mil inscritos e passou por um processo de reformulação, incorporando uma série de vídeos voltados para o fazer pedagógico do cordel. Em 2019/2020, esse movimento de migração para as redes sociais ganhou força, especialmente diante do cenário de isolamento social imposto pelo contexto da pandemia de Covid-19, quando as transmissões ao vivo se transformaram no único espaço possível de conexão, escuta e resistência.

A pandemia, para Daniela Bento, também foi um momento de pensar em como não sucumbir por meio do cordel, adaptando sua poética às possibilidades do contexto digital. Diferente de Izabel, Daniela escolheu os recursos sonoros como estratégia de aproximação com o seu público. Neste cenário, a cordelista criou o “Conversa de Quintal”, um podcast que se tornou espaço de reflexão e debate político sobre as necessidades da mulher agricultora em plena crise sanitária no país. Nesse mesmo sentido, a cordelista deu vida a um segundo projeto, o podcast intitulado “Ressaca Poética”.

As produções idealizadas por Daniela significam um recurso para mulheres de sua comunidade que não tiveram acesso à alfabetização. Ao longo de 52 episódios, o programa promoveu, por meio da poética, reflexões com essas mulheres sobre temas como violência doméstica, problemáticas de gênero sob uma perspectiva decolonial, racismo, intolerância religiosa, sexualidade e machismo. A proposta central consistia em construir um diálogo horizontal mediado pela poesia do cordel. O último episódio do podcast foi ao ar em 14 de

março de 2022, totalizando cinco anos no ar. Até os dias atuais, o podcast permanece como um instrumento de escuta, acolhimento e partilha para muitas mulheres que enfrentam barreiras estruturais de acesso à leitura e à informação.

Cecília Peruzzo (2006) reflete que quando cordelistas utilizam o cordel como veículo de comunicação para acessar grupos vulnerabilizados socialmente, elas encontram nas redes sociais um canal de expressão para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade. Essa abertura e compromisso com a ampliação de acessos se manifestam de forma expressiva em seu mais recente projeto: o curta-metragem *Coisa de Preto*. Com direção de Pâmela Peregrino e distribuição da produtora Corpo Fechado, o filme conquistou em maio de 2025 o prêmio de Melhor Roteiro no festival Tela Cariri: *O Nordeste É Coisa de Cinema*, reafirmando o potencial do cordel como linguagem múltipla, insurgente e, também, audiovisual.

A animação é roteirizada por Daniela Bento e narrada por Izabel Nascimento, e ressignifica uma expressão historicamente estigmatizada, destacando a luta das afro-brasileiras(os) contra condições de trabalho precárias, a demonização religiosa e a expropriação cultural. Ao perguntar "o que é coisa de preto?", a autora nos convida a romper com visões estigmatizantes, propondo, em seu lugar, uma celebração da ancestralidade, da estética negra e da espiritualidade afro-brasileira como formas legítimas de existência a partir do cordel.

Ao pensar nos atravessamentos que o digital trouxe às trajetórias das cordelistas, observamos sua organicidade nas vivências das autoras. Novos elementos foram se revelando ao longo do percurso da pesquisa, ampliando de maneira significativa o escopo da investigação e aprofundando as reflexões sobre autoria e o uso das tecnologias digitais. Compreendemos que as cordelistas não apenas utilizam essas ferramentas como meios de divulgação do seus trabalhos, mas constroem, a partir delas, novas formas de narrar, resistir às opressões e ocupar novos espaços a partir do cordel. Nesse sentido, em 2015, Izabel Nascimento escreveu e divulgou, por meio de seu próprio WhatsApp, o *Cordel do WhatsApp*, marcando o início de sua atuação nas plataformas digitais. A partir dessa iniciativa, seu trabalho viralizou ao tratar, com humor e crítica, o uso intensivo do aplicativo de mensagens. No trecho extraído de seu texto, a

cordelista narra sobre a “nova moda do face e do zap”:

Agora a moda pegou.
Pelas redes sociais.
É no Face ou pelo Zap.
Que o povo conversa mais.
Talvez nem saiba o motivo.
Que esse tal de aplicativo.
É mais lido que os jornais.
(Izabel Nascimento, 2015)

Ocupar novos espaços através das redes sociais também trouxe desafios significativos para Izabel Nascimento, especialmente em relação ao plágio e ao uso indevido de sua obra sem os devidos créditos à autora. Com o sucesso do *Cordel do WhatsApp* e sua ampla circulação, o texto foi reproduzido em livros, apresentado na televisão e divulgado com o nome de outros autores. Relembrando o episódio em uma publicação no Instagram, Izabel reconheceu que, na época, “preferiu se calar”, mas afirmou com firmeza que “hoje não se cala de jeito nenhum”.

O plágio sofrido por Izabel revela uma outra dimensão de invisibilidade enfrentada pelas mulheres no cordel: a supressão da autoria nos meios digitais. Mesmo diante da ampla circulação de suas obras, o apagamento de sua assinatura acende um alerta sobre como a marginalização da autoria de mulheres se atualiza nas dinâmicas virtuais. Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais oferecem novas possibilidades, elas também impõem riscos. Em entrevista ao *Jornal da Cidade*, em 2019, Izabel relembra o ocorrido e comenta que o plágio no cordel é fenômeno recorrente, tanto no sentido histórico, como no atual.

Reconhecer as problemáticas da ambiência digital não significa, na percepção de Izabel, retirar-se das telas. Em um movimento de troca e escuta, impulsionado por textos e sugestões enviadas por seguidoras(es), a cordelista lançou, em 2018, seu primeiro livro, *Sementes de Girassóis*. A obra é uma coletânea de cordéis que foi construída de maneira colaborativa, a partir dos resultados de uma enquete realizada em seu perfil pessoal no Instagram, reafirmando sua aposta na escrita participativa e no uso das redes como espaço de criação colaborativa. A experiência de Izabel pode ser teorizada a partir das contribuições de Raquel Recuero (2009) e Amado; Malta (2023), ao discutirem

como as tecnologias digitais são apropriadas de maneira criativa e crítica por diferentes grupos sociais. Ao criar horizontalidade dos discursos e participação, produzem movimentos intensos, pluralidade, tensionamentos e heterogeneidade em suas práticas. O lançamento de *Sementes de Girassóis* foi, para a cordelista, marcado por um sentimento coletivo de celebração e pertencimento.

Nessa ambiência relacional, Izabel sobre o cordel escrito com o auxílio do ChatGPT. Os versos nasceram como uma forma de rebater os *haters*. A cordelista diz: “Fiz de maneira pedagógica mesmo. Porque, ao som de qualquer novidade, já pregam que a poesia de cordel vai acabar.” Para Izabel, a inserção de tecnologias digitais, como a Inteligência Artificial, não representa o fim do cordel, mas sim a emergência de novas práticas culturais, sempre humanizadas. Ela observa que o temor relacionado ao uso da Inteligência Artificial no universo do cordel não nasce, necessariamente, de quem cria, mas de um medo histórico que sempre acompanhou os avanços tecnológicos: o receio de que a tecnologia extinga o caráter humano das coisas. Sua prática evidencia o oposto.

No ambiente acadêmico, Izabel Nascimento também desenvolveu, em sua pesquisa de mestrado, o projeto “Cordel Aplicado”, um aplicativo educativo voltado à difusão da literatura de cordel por meio de recursos interativos. A proposta, conforme relata a autora, nasce da articulação entre tecnologia e ancestralidade, no contexto de uma pedagogia crítica e popular.

O ato de Izabel em mediar disputas e formular novas funções sociais para o cordel utilizando recursos comunicacionais nos remete à ótica de Martín-Barbero (1997) e dos estudos da Folkcomunicação de Beltrão (1982). Neles vemos que a literatura de cordel não se limita à poesia declamada em saraus e feiras: ela se expande como mediação cultural, sendo também um recurso comunicacional do fazer social. Ao se configurar como ação mediadora para Izabel, o fazer cordel carrega marcas da heterogeneidade e da pluriculturalidade, não apenas de quem escreve, mas também de quem lê. Nesse sentido, convoca um olhar crítico e amplo ao se deslocar das categorias estabelecidas pela literatura, abrindo espaço para o fazer cordel como prática social, política, coletiva e comunicacional.

Nesse percurso, entendemos que as cordelistas Izabel Nascimento e Daniela Bento assumem um protagonismo engajado nos meios digitais em favor da coletividade e da transformação social. Nesse contexto, é urgente compreender

o cordel não apenas como uma expressão literária enraizada na tradição, mas como um meio vivo, dotado de função social e em permanente reinvenção. Um campo atravessado por disputas de poder, tensionamentos políticos e afetivos, que conferem novos sentidos às narrativas populares. Essa reinvenção adquire força ainda maior quando o cordel é feito por mulheres negras e nordestinas que, a partir de seus pontos de vista situados, deslocam a centralidade do discurso hegemônico, subvertem a lógica patriarcal e ressignificam o fazer cordel.

Considerações finais

Ao analisar as trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento, reafirmamos a relevância histórica e social de duas mulheres negras sergipanas que reinventam o cordel e o transformam em um recurso político de enfrentamento às estruturas racistas e patriarcais da sociedade. Reafirmamos, também, a importância das contribuições dessas autoras para o campo da literatura e da comunicação social.

Discutimos como as interseções entre gênero, raça e território atravessam suas vivências como cordelistas: seja nas dinâmicas familiares, no reconhecimento identitário, nos espaços políticos ou na ambiência digital. De forma gradativa, é testemunhada uma verdadeira revolução no cenário do cordel sergipano, historicamente marcado pela hegemonia masculina. As práticas dessas mulheres tensionam o cânone, deslocam as margens e instauram novas centralidades, revelando como o cordel, ao ser atravessado por essas vozes insurgentes, se reinventa como espaço criativo e de denúncia.

A síntese desta análise revela, a partir das quatro dimensões propostas, que Izabel Nascimento e Daniela Bento não apenas iluminam as múltiplas formas de resistência das mulheres negras no cordel, mas também apontam para o poder transformador da palavra quando enraizada na experiência, na memória e na mulheridade. Sobretudo, demonstra que o cordel, longe de ser resumido a uma manifestação literária marginalizada, é um território de disputa, de construção e reivindicação identitária e de insurgência contra o sistema patriarcal e racista de opressão. Essas mulheres não escrevem à margem, elas redesenham os limites do centro, resistem em posição de protagonismo. E ao fazê-lo, oferecem novas possibilidades de vivenciar o cordel.

Este compromisso também se concretiza na intenção de fomentar debates

acadêmicos e sociais em um campo interdisciplinar sobre as permanências das estruturas de exclusão que atravessam as manifestações culturais. O cordel, como linguagem popular e política, se revela como campo fértil para tensionar essas continuidades e reivindicar novas possibilidades de autoria. Assim, deixamos como horizonte de ampliação desta pesquisa a proposta de estabelecer diálogos com outros contextos comunicacionais e com diferentes expressões artísticas, contribuindo para a construção de espaços mais diversos e plurais, que reconheçam a potência criadora, crítica e ancestral das mulheres negras, especialmente aquelas que transformam manifestações culturais como o cordel em território de reexistência.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. 4. ed. atual. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- AMADO, Aianne; MALTA, Renata Barreto. #OscarsSoWhite? A (falta de) representatividade racial na maior noite do cinema mundial. *Revista Esferas*, n. 28, 2023. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i28.14694>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14694>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, v.13, p.704-719, 2005.
- BECKER, Howard. Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 2ª.ed. São Paulo: Hucitec, 1994, p.47-64.
- BELTRÃO, Luiz. *Almanaque de Cordel: veículo de informação e educação do povo*. Comunicarte, v.1, n.1, 1982.
- CARNEIRO, Sueli. Raça, classe e identidade nacional. *Revista Thoth*. Gabinete do Senador Abdias Nascimento. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Brasília, n.2, p.221-233, maio-agosto/1997. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial, 2019.
- CORSI, Margarida da Silveira; SOUZA, Rafael Zeferino de. A escrita feminina na literatura de cordel: rompendo barreiras. *Revista Práticas de Linguagem*, v.11, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/36999>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.
- ESCÓSSIA, Fernanda. O cordel das mulheres: Uma nova geração reage ao machismo de um gênero poético. In: *Revista Piauí*, edição n.168, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.
- FÉLIX, Josilene. (In)visibilidade feminina no folheto de cordel. *Temporalidades*, v.13, n.1, p.391-407, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/issue/view/1468>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- FONSECA, Maria Gislene Carvalho. Autobiografias de mulheres cordelistas: uma contribuição para a nova historiografia do cordel. *Boitatá*, v.15, n.30, p.88-100, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.5433/boitata.2020v15.e41205>.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/41205>.

Acesso em: 13 jan. 2026.

FRANCO García, María. *A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2004.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMAIRE, Ria. *Donde Vindes Filha Branca y Colorida? Reflexões em torno do tema mulher e oralidade*. Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. *“Cordel de saia”: autora feminina no cordel contemporâneo*. São Cristóvão, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe.

MONDADA, Lorenza. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional. *Rua*, v.3, n.1, p.59-86, 1997.

DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v3i1.8640619>. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640619>.

Acesso em: 13 jan. 2026.

MOURA, Iara; BANDEIRA, Olívia; SANTANA, Maria Verônica de. *Tecnologias a partir do chão que pisamos: fuxicos entre os feminismos digitais e os feminismos populares latinoamericanos*. GenderIT.org, 22 jan. 2024. Disponível em: <https://genderit.org/pt-br/feminist-talk/5-tecnologias-partir-do-chao-que-pisamos-fuxicos-entre-os-feminismos-digitais-e-os>. Acesso em: 13 jan. 2026.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.12, n.2, p.466-485, 2017.
Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2454.

Acesso em: 13 jan. 2026.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: *Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação*. 2006. p.1-17.

Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2026.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009

SANTOS, Vanusa Mascarenhas. Estratégias de (in)visibilidade feminina no universo do cordel. In: *ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 5., 2009, Salvador. Anai. Salvador: UFBA, 2009.

SANTOS, Francisca Pereira dos. O livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v.33, p.218-230, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.47250/intrell.v33i1.14951>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/14951>. Acesso em: 13 jan. 2026.

VALE, Ana Carolina Dias Santos do. "A poesia faz alguma coisa acontecer": a subjetividade e a construção da identidade de mulheres negras na tradução de Nayyirah Waheed. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n.26, p.81-97, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i26p81-97>. Disponível em: https://revistas.usp.br/clt/pt_BR/article/view/212720. Acesso em: 13 jan. 2026.

Weavers of Verses: Alterity and Resistance in the Cordel Literature of Black Women from Sergipe

ABSTRACT

This article examines the poetics of insurgency in contemporary cordel literature through the trajectories of the Sergipe-based cordelistas Izabel Nascimento and Daniela Bento. It analyzes how these Black women authors redefine the genre, turning verse into a site of alterity and political resistance. The theoretical framework brings together Black feminist thought and critical historiography of cordel, challenging the androcentric canon in favor of dissident narratives of race, gender, and territoriality. Methodologically, the study adopts trajectory-based and life-history approaches, drawing on in-depth interviews that reveal an organic writing practice – from early experiments on fabric scraps and letter writing to contemporary productions that now inhabit and subvert digital environments. The findings show that Black women's authorship in cordel operates as literary insubordination, where ancestral memory and affect converge to confront historical silencing and assert a leading role within spaces of power and circulation in the cordel field. By articulating situated knowledge and poetic performance, Izabel and Daniela reaffirm cordel as a practice of re-existence.

KEYWORDS:

Cordel literature
Black women's authorship
Women cordel poets
Popular communication
Trajectory studies
Ancestral memory

SUBMETIDO: 29 de abril de 2026 | **ACEITO:** 11 de junho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#)
